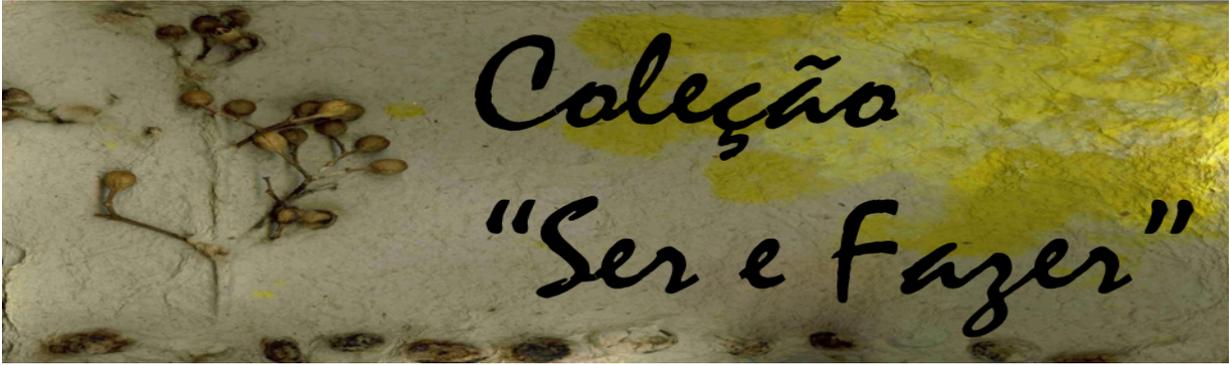


Tânia Maria José Aiello-Vaisberg
Marcela Casacio Ferreira-Teixeira
Sueli Regina Gallo-Belluzzo

2017



Apresentamos uma coleção de livros digitais que pretende contribuir com o processo de produção de conhecimentos que possam ser úteis no combate a condições geradoras de sofrimentos sociais. Congregando apresentação de pesquisas empíricas e ensaios científicos, reunimos textos inéditos e trabalhos anteriormente publicados, facilitando acesso de leitores e estudiosos interessados em nossa produção.

Com a expressão *sofrimentos sociais* recortamos uma série de situações humanas que se caracterizam pelo fato de orbitarem ao redor de padecimentos socialmente determinados. Inserem-se, sob tal rótulo, tanto questões sabidamente derivadas de configurações sociais - como o racismo, o sexismo e aquelas derivadas da precarização das condições de trabalho -, como outras, não imediatamente associadas à vida social, mas que com ela mantém estreito vínculo - referimo-nos, por exemplo, aos chamados problemas da adolescência ou o modo como a maternidade é vivenciada pela mulher na contemporaneidade.

De todo o modo, mais ou menos reconhecidas como derivadas da organização social, essas situações caracterizam-se pelo fato de gerarem importante mal-estar subjetivo, que convoca tanto o psicólogo clínico, como profissional sensível à dor emocional, quanto aqueles que se encontram comprometidos com a busca de melhores condições de vida para todos, colaborando no sentido do aumento do respeito e solidariedade - os fundamentos éticos da convivência humana.

Nos dias atuais, causa-nos estranhamento encontrarmos discussões que se polarizam entre a busca por transformações sociais e a disponibilização de atenção psicológica clínica, como se fosse possível a ocorrência dissociada destes âmbitos da vida humana. A nosso ver é fundamental que deixemos de pensar que a compreensão do psicólogo acerca de sua prática tornaria simultaneamente excludentes a necessidade de opção entre engajamento na luta por mudanças sociais e o cuidado psicológico.

A necessidade deste tipo de escolha é suplantada quando nos afastamos de concepções que estabelecem a subjetividade de modo abstraído

das condições concretas da vida social. Esta tendência, que prevaleceu durante muito tempo em nossa disciplina e continua a influenciar alguns psicólogos, aparece tanto em formulações teóricas quanto nas preconizações de manejo clínico; trata-se de um posicionamento cujas decorrências afetam a clínica, a psicopatologia e a sociedade como um todo.

Superando o que Bleger (1963) designou como mito do homem natural, abstrato e isolado do ponto de vista social, tanto entendemos os perigos inerentes ao reducionismo psicológico, que opera no sentido da ocultação dos efeitos perniciosos da ordem social injusta, como as consequências, igualmente danosas, de visões que afirmam ser incompatíveis (ou mesmo descabidas) a adoção, por um lado, de posturas engajadas na luta por transformações sociais e, por outro, a sensibilidade ao sofrimento das pessoas e o envolvimento com cuidado clínico.

É justamente porque concebemos como absolutamente necessária e proveitosa a articulação entre o desenvolvimento de uma clínica social, voltada ao cuidado emocional das pessoas, e a busca ativa e vigorosa por transformações da realidade social, que faz pleno sentido a proposição de estudos sobre sofrimentos sociais.

Divulgar pesquisas qualitativas sobre sofrimentos sociais, concebidas e concretizadas por meio do uso do método psicanalítico, é o objetivo da coleção que aqui se apresenta.

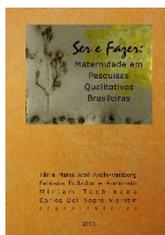
Esperamos que essa iniciativa atinja seu propósito, contribuindo com o avanço do conhecimento sobre sofrimentos socialmente determinados e com movimentos de transformação por meio dos quais a vida de indivíduos possa se tornar menos dolorosa e mais significativa.

*Tânia Aiello-Vaisberg
Fabiana Follador e Ambrosio*

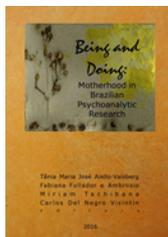


A coleção 'Ser e Fazer', produzida em formato exclusivamente digital, teve início com a publicação de um e-book que contou com uma seleção de pesquisas qualitativas psicanalíticas sobre a maternidade (Aiello-Vaisberg, Ambrosio, Tachibana & Visintin, 2015) e foi posteriormente traduzido para o inglês (Aiello-Vaisberg, Ambrosio, Tachibana & Visintin, 2016).

Apresentamos um volume de Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, Marcela Casacio Ferreira-Teixeira e Sueli Regina Gallo-Belluzzo, que traz pesquisas qualitativas psicanalíticas que versam sobre o tema da adoção.



Ser e Fazer: Maternidade em Pesquisas Qualitativas Brasileiras



Being and Doing: Motherhood in Brazilian Psychoanalytic Research



Ser e Fazer: Adoção em Pesquisas Qualitativas

Ser e Fazer: Adoção em Pesquisas Qualitativas

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg
Marcela Casacio Ferreira-Teixeira
Sueli Regina Gallo-Belluzzo

Como citar:

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Ferreira-Teixeira, M. C. & Gallo-Belluzzo, S. R. (2017). *Ser e Fazer: Adoção em Pesquisas Qualitativas*. [Versão eletrônica] São Paulo – SP, Brasil.

Ilustração da capa:



Caminhando com a 'Ser e
Fazer''
polpa de papel e elementos
naturais, 210x290 mm, 2003
Fabiana Follador e Ambrosio



Ser e Fazer

Enquadres Clínicos Diferenciados
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
www.serefazer.psc.br
www.facebook.com/serefazer



Links:

Ser e Fazer: Enquadres Clínicos Diferenciados

www.serefazer.psc.br

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

www.ip.usp.br/portal/

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Psicologia

<http://www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao/stricto-sensu/programa-de-posgraduacao-em-psicologia-doutorado/>

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

www.cnpq.br

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<http://www.capes.gov.br/>

Plataforma Lattes

<http://lattes.cnpq.br/>



A d o ç ã o e m p e s q u i s a s q u a l i t a t i v a s
p s i c a n a l í t i c a s

A d o ç ã o e e x c l u s ã o

A d o ç ã o e a b a n d o n o

A d o ç ã o e h o m o p a r e n t a l i d a d e

A d o ç ã o e r a c i s m o



Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Psicóloga e psicanalista. Livre-docente em Psicopatologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Docente e orientadora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Puc-Campinas e da Universidade de São Paulo. Criadora e coordenadora geral da Ser e Fazer: Enquadres clínicos diferenciados do IPUSP, email: aiello.vaisberg@gmail.com

Marcela Casacio Ferreira-Teixeira

Psicóloga. Pós-doutora pela Puc-Campinas. Candidata pelo Instituto de Psicanálise GEPCampinas, email: marcelacasacio@uol.com.br

Sueli Regina Gallo-Belluzzo

Psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. email: suelibelluzzo@gmail.com



Adoção em pesquisas
q u a l i t a t i v a s
p s i c a n a l í t i c a s

Neste volume reunimos estudos sobre o tema da adoção, que fazem parte de pesquisas que temos realizado visando produzir conhecimento sobre sofrimento emocional, abordando diversas situações, tais como maternidade¹, violência doméstica², formação de profissionais³, preconceito contra pacientes psiquiátricos⁴, contra negros⁵, contra adolescentes⁶, contra idosos⁷.

Nossos estudos se organizam, metodologicamente, como pesquisas qualitativas, valendo-se do uso do método psicanalítico de investigação. Considerando que atualmente a psicanálise se constitui como um campo bastante heterogêneo, cobrindo uma diversidade muito grande de perspectivas teórico-metodológicas, esclarecemos que adotamos a abordagem preconizada por Politzer (1928/1975), vale dizer, a psicanálise dramática e concreta. Politzer (1928/1975) apontou uma duplicidade no discurso freudiano, vigorando dois tipos diversos de teorização: uma, metapsicológica, de caráter abstrato e fisicalista e outra, de caráter concreto, eminentemente dramático e interpessoal. Encontramos em Bleger (1958; 1963/1984), psicanalista argentino e leitor de Politzer, a base para nosso percurso de pesquisa. Bleger (1958) critica a proposição freudiana de que o objeto de estudo da psicanálise seria o inconsciente ou o aparelho psíquico, que são constructos teóricos e postula que o drama humano é o fenômeno concreto fundamental, vale dizer, tudo o que cada ser humano faz e sofre ao longo de sua história. O ser humano caracteriza-se como ser social, visto que só chega a ser tal pela incorporação e organização de experiência com outros indivíduos. O conjunto das relações sociais é o

¹ Gallo-Belluzzo, Ferreira-Teixeira, Sampaio, Basaglia, González, Monteiro & Aiello-Vaisberg, 2015; Schulte, 2016; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2016

² Corbett, 2014

³ Gallo-Belluzzo, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2013

⁴ Aiello-Vaisberg, 1999; Simões, 2012

⁵ Aiello-Fernandes, 2013; Aiello-Fernandes, Assis, Silva, Leão & Aiello-Vaisberg, 2014

⁶ Tachibana, Montezi, Barcelos, Sirota & Aiello-Vaisberg 2015; Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016

⁷ Simões, Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2014

que define o ser humano em sua personalidade (Bleger, 1963/1984). Suas teorizações se inscrevem no paradigma estrutural-relacional, que se contrapõe ao paradigma estrutural-pulsional, visto que considera a existência humana essencialmente vincular (Greenberg & Mitchell, 1994).

Bleger (1963/1984) concebe a conduta como fenômeno central na psicologia e a define como toda e qualquer manifestação do ser humano. O estudo da conduta, na proposta de Bleger (1963/1984) se faz em função da personalidade e do contexto social, do qual o ser humano é sempre integrante. As condutas humanas emergem de campos relacionais, vale dizer, a conduta de um indivíduo ou de um grupo expressa-se em função das relações e condições interatuantes em cada momento. A conduta não surge de algo interior que se manifesta num externo, mas as qualidades de um indivíduo derivam sempre de sua relação com o conjunto de condições totais e reais.

Ao adotarmos o paradigma intersubjetivo como perspectiva de pesquisa, tratamos de estudar o sentido humano nas pessoas, nos grupos e organizações dos homens, na sociedade e em suas produções culturais. Nesse sentido, o método psicanalítico consiste na busca dos determinantes lógico-emocionais que estruturam as condutas humanas.

Apresentamos, no presente volume, estudos sobre adoção, que tomam postagens em blogs pessoais, produção cinematográfica, entrevistas e material da clínica psicológica como objetos de pesquisa psicanalítica qualitativa. Alguns textos já foram publicados anteriormente, o que destacamos nos devidos capítulos. Expressamos nossa gratidão aos editores que, gentilmente, cederam-nos os direitos para uso desse material.

Iniciamos com o texto *Adoção e Exclusão*, que focaliza o imaginário coletivo de professores sobre a criança adotiva. Evidencia-

se que coexistem, no imaginário dos professores pesquisados, duas visões até certo ponto antagônicas. De um lado, há a percepção de que a existência de crianças disponíveis para a adoção aponta para uma grave problemática social. Por outro lado, há uma crença de que a criança abandonada resolverá o sofrimento daqueles que não têm condições de gerar filhos biológicos. Ambas se articulam e dão origem ao campo mais abrangente da exclusão radical da personalidade originária da criança adotada.

A seguir, no texto *Adoção e abandono*, refletimos sobre as condições concretas de vida de muitas mulheres que entregam seus filhos para adoção ou os abandonam, e as repercussões disso na sociedade brasileira. Evidencia-se um paradoxo que, por um lado, exige que todos cumpram igualmente as responsabilidades parentais enquanto, por outro lado, perpetuam desigualdade e precariedade sociais, que dificultam ou impossibilitam o cuidado dos filhos. Esse paradoxo é fundamento de situações de exclusão social e sofrimento emocional, como nos casos de abandono de bebês em função da miséria.

Posteriormente, seguimos com dois textos que nos levam a refletir sobre diferentes tipos de adoção. *Adoção e Homoparentalidade* trata de uma pesquisa psicanalítica debruçada sobre um filme sueco que aborda uma situação de adoção homoparental, especificamente os passos de dois homens que desejam adotar. Os resultados parciais da pesquisa indicam tanto um posicionamento preconceituoso, associando homossexualidade e pedofilia, quanto temores paranoicos em relação àqueles que não se definem segundo uma normatividade heterossexual. Tal quadro revela a necessidade de atenção ao tema, se considerarmos as mudanças concretas que vêm acontecendo no mundo, viabilizando e incentivando a adoção homoparental. *Adoção e racismo* é um texto que aborda a adoção inter-racial, discutindo o imaginário sobre a filiação adotiva e as origens da família biológica.

Levanta as problemáticas clínicas que possam surgir, na medida em que saber da origem se mescla, numa imensa maioria dos casos, com um defrontar-se com o drama da pobreza. As mães que abandonam/entregam bebês geralmente são jovens que vivem em condições bastante precárias. Um filho negro adotado por uma família branca, ao adentrar na história de suas origens, será forçosamente levado ao contato com a dramática da pobreza. Discute-se, assim, se tal caminhada pode se constituir como processo de criação de sentido e integração, desde que sustentada em ambientes suficientemente bons.

Finalmente, esperamos que a leitura destes textos estimule o leitor a pensar sobre aspectos psicológicos da adoção de maneira abrangente, a começar pelas condições sociais responsáveis pelo abandono e abrigamento de crianças, adentrando no imaginário que circula sobre a família e a criança adotiva, podendo refletir sobre a constituição da parentalidade. Desejamos uma boa leitura.

REFERÊNCIAS

Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da entrada de serviço ao elevador social: racismo e sofrimento*. Mestrado (Dissertação) - Campinas: PUC-Campinas, 146 p.

Aiello-Fernandes, R.; Assis, N.D.P.; Silva, R. D. M.; Leão, T. S. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). Racismo na MPB: Um Estudo Psicanalítico. In: *Anais da XII Jornada Apoiar: A Clínica Social - propostas, pesquisas e intervenções*. Org. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo & Tania Maria José Aiello-Vaisberg - São Paulo : IP/USP, v. 12. p. 179-196.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: Transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese (livre docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Assis, N. D. P.; Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). 'Problemáticos ou Invisíveis': o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum* (Belo Horizonte), v. 31, p. 259-275.

Bleger (1958). *Psicoanálisis y dialética materialista*. Buenos Aires: Paidós

Bleger, J. (1984) *Psicologia da Conduta*. (Emilia de Oliveira Diehl, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. Original publicado em 1963.

Corbett, E. (2014) *Contos sem fadas: mães e filhos em situação de violência doméstica*. Tese (Doutorado). Campinas: PUC-Campinas, 137p.

Gallo-Belluzzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paidéia* (Ribeirão Preto, Brasil), 23(56), 389-396. doi: 10.1590/1982-43272356201313

Gallo-Belluzzo, S.R.; Ferreira-Teixeira, M.C.; Sampaio, C.M.; Basaglia, J.; González, M.R.; Monteiro, T.C. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2015) O imaginário coletivo de mães sobre a maternidade: considerações iniciais. In: *Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas*. Org. Leila S. P. C. Tardivo. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP. ISBN: 978-85-86736-65-0, p. 386.

Greenberg, J.R. & Mitchell, S.A. (1994). *As relações objetivas na teoria psicanalítica* (Emilia de Oliveira Diehl, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas

Politzer, G. (1975). *Críticas do Fundamentos da Psicologia*. (Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira, trad.). Lisboa, Portugal: Editorial Presença. Original publicado em 1928.

Pontes, M. S.; Cabreira, J. C.; Ferreira-Teixeira, M. C.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), p. 495-502.

- Schulte, A.A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas. 126p.
- Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. (2016). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*, 25(2), 227-241, dez. 2016. Retrieved from: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/30138>>.
- Simões, C.H.D. (2012). *Sofredores, Impostores e Vítimas da Sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2012, 149 p.
- Simões, C. H. D.; Ferreira-Teixeira, M. C.; Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 64, p. 65-78.
- Tachibana, M.; Montezi, A.V.; Barcelos, T.F.; Sirota, A. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5(1), 47-49, doi:10.7763/IJIET.2015.V5.474



Adoção e exclusão

Trabalho originalmente publicado sob o título Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva, em Psicologia em Estudo, Maringá, v.13, n.3, 495-502, jul./set., 2008, com a participação de Mariana Leme da Silva Pontes e Jaqueline Caldamone Cabrera, alunas de iniciação científica.

RESUMO

A presente pesquisa focaliza o imaginário coletivo de professores sobre a criança adotiva por meio do uso do procedimento de desenhos-estórias com tema e de narrativas psicanalíticas elaboradas pelas pesquisadoras após as entrevistas individuais. O conjunto do material foi analisado de acordo com a teoria psicanalítica dos campos, permitindo a apreensão de dois campos psicológicos não-conscientes, o abandono infantil e a infertilidade, os quais se articulam e dão origem ao campo mais abrangente da exclusão radical da personalidade originária da criança adotada.

Palavras-chave: adoção, imaginário coletivo, professores

ABSTRACT

Current research focuses on teachers' imaginary on the adopted child through the use of story-pictures procedures with a theme and through psychoanalytical narratives elaborated after interviews. Material was analyzed according to the psychoanalytical theory of fields, what allows the understanding of two non-conscience psychological: the abandoned child and infertility. Both fields are articulated under the wider psychological field of the radical exclusion of the original personality of the adopted child.

Key words: Adoption, collective imaginary, teachers

INTRODUÇÃO

Em um país como o Brasil, onde as diferenças sociais são gritantes, os direitos humanos são muitas vezes violados e o cuidado

à infância é francamente insatisfatório. Um grande número de crianças encontra-se institucionalizada, à espera de adoção eventual, que tende a se tornar cada vez mais improvável à medida que o tempo passa e elas se tornam mais crescidas. Muitas crianças abrigadas, com mais de dois anos de idade, já têm compreensão suficiente para nutrir expectativas ansiosas de serem escolhidas e acolhidas por casais interessados, mas na maior parte das vezes, permanecem frustradas, porque os casais brasileiros preferem bebês.

Configura-se, assim, um fenômeno de exclusão social bastante evidente, que impede muitas crianças de crescerem em ambiente familiar. Poder-se-ia, a partir daí, imaginar que os bebês efetivamente adotados teriam, por seu turno, evitado um destino de exclusão. Entretanto, se examinarmos o problema atentamente, veremos que a situação é mais complexa e que aí poderemos detectar a ocorrência de um fenômeno, mais disfarçado e sutil, que afeta aqueles que foram aceitos exatamente pela sua condição de bebês, incapazes, portanto, de ter memória consciente da vida anterior à adoção. Evidentemente, não desconhecemos o fato de que se encontra em vigor, atualmente, nas famílias, a prática de revelar à criança, verbalmente, sua condição de adotiva ou de "filho do coração"; entretanto, não há como ignorar que o fato de a criança ser buscada, quase exclusivamente, por casais com dificuldades reprodutivas, quando ainda é um bebê, serve perfeitamente a propósitos, nem sempre claramente conscientes, de ruptura de todo e qualquer vínculo da criança com a família e grupo social de origem. Como resultado, a criança adotiva pode ser aceita, em muitos casos, porque nem parece adotiva, o que configura uma situação de discriminação e exclusão verdadeiramente insidiosa, que pode gerar efeitos devastadores em termos dos sofrimentos emocionais envolvidos. Este quadro incide diretamente sobre processos de emergência da personalidade individual conhecida como constituição de self (Winnicott, 1960), afetando a possibilidade de se

alcançar uma posição existencial que permita ao indivíduo não apenas escapar à psicopatologia, mas também se sentir vivo, real e capaz de gestualidade espontânea e transformadora (Winnicott, 1971). Tal questão, que é fundamental no campo da psicopatologia psicanalítica, vem recebendo, mais recentemente, grande atenção por parte de sociólogos, capazes de compreender quão importante é o campo social nos delicados processos de constituição de self (Giddens, 1999).

A partir de uma linha, aqui por nós propugnada, que pode reconhecer na exclusão sutil da criança adotada uma problemática importante, defendemos a ideia de que as práticas de adoção no Brasil devem ser examinadas desde perspectivas comprometidas com a questão do respeito à alteridade e com o combate à exclusão. Resolvemos, então, abordar o imaginário social sobre a criança adotiva, tendo em vista fornecer subsídios na busca coletiva de soluções psicossociais. A presente pesquisa optou por investigar o imaginário social de professores sobre a criança adotada, levando em conta seus determinantes afetivo-emocionais inconscientes. Abordamos o imaginário coletivo como ambiente, no sentido winnicottiano do termo, que resulta da contínua atividade humana de produção de sentido. É em seu contexto que surgirão condutas que, quando discriminatórias, geram efeitos psicológicos importantes (Bleger, 1963; Winnicott, 1971).

Acreditamos que a investigação sobre o imaginário coletivo pode contribuir para transformações no sentido da superação de preconceitos e da conquista coletiva de uma sensibilidade emocional eticamente amadurecida, a partir da ruptura dos campos emocionais inconscientes que sustentam pensamentos e práticas; ou seja, entendemos que mudanças verdadeiras dependem não apenas de informação e esclarecimento, mas também de atenção psicológica clínica, em vertentes preventivas e interventivas, capazes de lidar com temores e angústias coletivos subjacentes. Nesta linha, mantemos

próxima interlocução com a proposta psicoprofilática de José Bleger (1976), entendendo que a própria escuta, propiciada pela pesquisa, já se constitui como intervenção, na medida em que favorece um contato vivencial dos participantes com suas próprias fantasias e concepções. Deste modo convidamos os pesquisadores da temática da exclusão a examinar um grupo específico, a criança adotada, vítima de preconceito mais sutil, ao mesmo tempo em que propomos aos estudiosos da adoção focalizá-la deste a perspectiva da exclusão.

Atualmente, a literatura sobre a exclusão social é verdadeiramente copiosa e transdisciplinar. Nossa entrada neste campo de estudo e intervenção deu-se há algumas décadas, no contexto específico do estudo de representações sociais sobre o louco e/ou doente mental, elaboradas por diversos grupos sociais, mais ou menos diretamente vinculados a esta problemática. Uma tese de doutorado (Machado, 1995) e uma de livre-docência (Aiello-Vaisberg, 1999) foram momentos importantes de sistematização e elaboração reflexiva sobre um grande conjunto de resultados de pesquisas voltadas à exclusão psiquiátrica. Por outro lado, a potencialidade heurística revelada pela metodologia que utilizamos revelou-se igualmente útil na investigação sobre imaginário e exclusão de outras figuras sociais, tais como soropositivos, deficientes físicos, homossexuais, crianças-problema, obesos e outros, do que resultou produção igualmente expressiva⁸. Entretanto, o aspecto fundamental, a ser aqui destacado, diz respeito, mais precisamente, à constatação de que representações preconceituosas são construídas sobre fundos afetivo-emocionais inconscientes marcados pelo temor às condições de vida daqueles que são objeto do preconceito. Em linhas gerais, abordando diferentes condições, encontramos um quadro bastante semelhante ao constatado por Joffe (1994, 1996, 1998) quando

⁸ As investigações poderão ser vistas em Aiello-Vaisberg (1994), Aiello-Vaisberg e Camps (2002) e Martins (1998).

abordou psicanaliticamente o imaginário social relativo aos soropositivos.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre a criança adotiva e a adoção, deparamo-nos com diferentes modalidades de estudos dentro da psicologia (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2004; Ferreira, 2006). Grosso modo, encontramos dois tipos de pesquisa: algumas, mais raras, que privilegiam dimensões sociais, culturais e históricas, e outras, mais marcadamente clínicas. Como exemplos do primeiro tipo de pesquisa podemos citar trabalhos como os de Gagno e Weber (2003), Costa e Campos (2003, 2004), Levy e Jonathan (2004) e Fonseca (2006), que apontam a existência de marcados preconceitos, bem como a importância da carência socioeconômica. Aqueles trabalhos que se debruçam sobre o tema da adoção a partir de um olhar clínico, tanto buscam identificar sinais psicopatológicos na criança e em seus pais como esmiuçar condições comportamentais e subjetivas subjacentes ao processo de adoção, chegando, em alguns casos, a considerar, com relativo aprofundamento, sentidos inconscientes de adoções consumadas. São exemplos de estudos a partir desses vértices os textos de Ducatti (2003), Ebrahim (2001), Hamad (2002), Hutz (2003), Levinzon (2004), Paiva (2004) e Reppold e Iyama (2004) além do clássico estudo de Dolto (1998). Enquanto os primeiros trazem contribuições importantes, deixam, por não ser este o seu objetivo, de detalhar as vivências emocionais, correndo o risco de se tornarem excessivamente abstratos e afastados do acontecer humano. Por outro lado, os trabalhos realizados sob um viés clínico, por adotarem visões psicopatológicas que tendem a pensar a interioridade corporal ou pessoal como sede do pathos (Ionescu, 1994), limitam-se à consideração de fantasias e desejos dos mais proximamente envolvidos, sem chegar a contextualizá-los socialmente de modo satisfatório. Seguindo linhas gerais de uma clínica que tende a pensar o sentido emocional como evento intrapsíquico, não alcançam a noção

de que a psique é produção intersubjetiva de sentidos (Herrmann, 1979), deixando de levar em conta o ambiente ou mundo humano de modo suficiente (Winnicott, 1965). Desta forma, não chegam a propor uma investigação do imaginário social acerca da adoção, mediante a qual seja possível conhecer o ambiente psicológico mais amplo (Bleger, 1963), uma vez que a complexidade da vida social ensina que as práticas sociais não se mantêm apenas sobre as fantasias daqueles diretamente envolvidos numa dada problemática, exigindo a consideração mais ampla do imaginário de outros grupos sociais. Assim, levando em conta os diversos problemas que cercam a questão, entendemos como oportuna a realização de estudos capazes de levar em conta o modo como diferentes segmentos e agentes sociais - e não apenas aqueles que desejam adotar crianças - lidam com a adoção. Usando a psicanálise, levantamos questionamentos relativos às dimensões inconscientes das condutas sociais relativas à adoção, pois é duvidoso que, sem tal conhecimento, possa-se chegar a transformações eticamente desejáveis.

No momento, escolhemos acessar o imaginário social pela via de professores do ensino fundamental e médio, tanto porque representam uma camada eventualmente melhor informada da população, como também por estarem sempre próximas de crianças, mães e famílias, e de suas dinâmicas de relacionamento afetivo. Cabe aqui lembrar que sérios e consequentes esforços no sentido de busca de inclusão social, concebida como gesto humano eticamente fundado, têm sido levados a cabo no contexto da instituição escolar. Entretanto, tais estudos têm sido realizados por educadores, que se inscrevem, compreensivelmente, numa perspectiva que visa primordialmente atender ao direito das pessoas deficientes à educação formal. Uma grande maioria destes estudos acaba revelando que a preocupação dos educadores se articula primariamente ao redor da busca de conhecimentos e técnicas para lidar com necessidades especiais que

possam favorecer a aprendizagem (Sant'Ana, 2005), mas tais estudos não penetram nas sutilezas relacionais que afetam de modo emocional profundo a vida daqueles que visam incluir, como bem mostra a cuidadosa pesquisa de Kaiado (2006), que realizou escuta sensível e atenta das vivências escolares de deficientes visuais. Este estudo mostra que, se a questão dos métodos didáticos não pode ser desconsiderada, é preciso perceber que a questão primordial reside, sempre, no reconhecimento da plena humanidade dos portadores de necessidades especiais.

Não obstante, vale aqui notar que nossa pesquisa, por não focalizar nenhuma forma específica de deficiência, mas a criança adotada, que não exige adaptações em termos dos métodos pedagógicos utilizados, pode fazer emergir questões relativas ao "diferente" que dizem respeito mais diretamente às dimensões afetivo-emocionais subjacentes, que podem incluir, em níveis profundos, temores e ansiedades não conscientes, mas capazes de produzir efeitos na dimensão relacional.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Entre as diversas linhas teóricas que orientam a psicologia, a psicanálise tem se mostrado uma forma coerente de investigação da subjetividade coletiva, na medida em que seu método propicia acesso às complexidades emocionais e existenciais da dramática humana (Aiello-Vaisberg, 2004; Bleger, 1963). Assim, realizamos o presente estudo ancoradas na expectativa de elucidar aspectos emocionais relevantes, mas eventualmente não conscientes, da prática psicossocial da adoção.

No que tange aos modos ou às técnicas⁹ pelos quais o método psicanalítico pode ser concretizado, vale dizer, a sessão psicanalítica, a interpretação onírica ou os procedimentos denominados projetivos, elegemos estes últimos, por compreendê-los como mais próximos das exigências necessárias para essa pesquisa. Não obstante, é fundamental acrescentar que não o fazemos segundo uma ótica positivista, que tem na psicométrica o seu ideal, mas usando este tipo de procedimento como recurso dialógico, uma vez que adotamos uma perspectiva epistemológica que concebe a produção de conhecimento no contexto da intersubjetividade. Como recurso dialógico, o procedimento projetivo favorece a instauração de um campo propício à comunicação emocional profunda, permitindo que aspectos de vida geradores de ansiedade possam ser abordados de modo relativamente protegido em termos emocionais. Mais especificamente, decidimos fazer uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, idealizado por Aiello-Vaisberg (1995, 1997), para a investigação de representações sociais, a partir do procedimento originalmente concebido por Trinca (1976) como instrumento psicodiagnóstico.

Estabelecemos como objetivo da presente pesquisa a identificação de campos psicológicos não conscientes sobre os quais se sustenta o imaginário social de professores em relação à criança adotiva. Os campos psicológicos não conscientes são, segundo Bleger (1963), o ambiente vivencial onde transcorre a experiência de indivíduos e coletivos, sendo que aquela porção menor deste campo, da qual o agente tem consciência, é denominada campo da consciência.

A metodologia consistiu no uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, que, desde uma perspectiva epistemológica

⁹ No paradigma moderno, "técnica" significa um bem fazer independente do estilo pessoal de quem faz. No campo psicanalítico, parece-nos mais coerente, do ponto de vista epistemológico, falar em procedimentos ou recursos, uma vez que não faz sentido pensar em um "saber fazer" independente da personalidade do analista.

intersubjetiva, deve ser compreendido como recurso mediador capaz de facilitar a comunicação, incluindo dimensões emocionais inconscientes. Tratando-se de estudo qualitativo de caráter exploratório, trabalhamos com um grupo constituído por vinte professoras do ensino fundamental, com idade variável entre 25 e 55 anos, metade vinculada a escolas públicas e metade a escolas particulares. Optamos, portanto, pelo uso de amostragem não-aleatória, de tipo intencional, considerando que a maior proximidade com crianças, decorrente do próprio ofício, forneceria o tipo de sujeito representativo e emblemático¹⁰ daquilo que circula no imaginário social.

Os encontros com os participantes ocorreram individualmente, através de entrevistas em seus domicílios, de acordo com a disponibilidade do professor. Cada participante foi convidado a desenhar uma criança adotiva e a inventar uma história sobre a figura desenhada, a qual foi escrita pela própria pessoa no verso da mesma folha. Após as entrevistas, elaboramos narrativas do acontecer clínico (AielloVaisberg & Machado, 2005), que incluem tanto as lembranças de detalhes do encontro, tal como foi vivenciado pelas pesquisadoras, como as produções das vinte participantes.

Como material, utilizamos folhas de papel sulfite branco, lápis de cor, lápis preto, borracha, canetas azuis e pretas. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O material clínico que examinamos constituiu-se pelo conjunto de vinte desenhos-estórias, que se articularam a vinte narrativas do acontecer clínico, narrativas que foram redigidas pelas pesquisadoras

¹⁰ É importante enfatizar que, quando pesquisamos o imaginário relativo a assuntos eventualmente ligados a condutas preconceituosas, é importante encontrar sujeitos capazes de expressão subjetiva que, deste modo, devem ser não apenas representativos, mas também emblemáticos, portando-se como verdadeiros porta-vozes daquilo que nem sempre é enunciado. Este ponto é discutido com profundidade por Machado (1995).

após cada um dos encontros. A confecção destas narrativas se fez como trabalho associativo, em estado de atenção equiflutuante, de modo que cada pesquisadora deixava-se invadir não só pelas lembranças do acontecido durante a entrevista, mas também pelas memórias emocionais emergentes (Aiello-Vaisberg, 2005). A análise do corpus composto pelos desenhos-estórias e pelas narrativas foi realizada de acordo com as regras constitutivas do método psicanalítico, tendo em vista a apreensão dos campos psicológicos não-conscientes a partir dos quais se sustentam as representações relativas à criança adotiva. Seguimos os passos recomendados por Herrmann (1979), que distingue três fases do processo metodológico: deixar que surja, tomar em consideração e completar o desenho ou configuração, para analisar o material produzido, tendo em vista a detecção interpretativa dos campos psicológicos temáticos não-conscientes. Deve, portanto, ficar claro, que não operamos segundo um modelo de análise de conteúdo baseado em categorias, mas levamos em conta cada produção como uma totalidade capaz de veicular comunicações sob as quais subjaz um substrato afetivo-emocional não-consciente, que pode ser inferido pelo método psicanalítico.

À guisa de resultados - termo não totalmente adequado para descrever aquilo que pode ser descoberto no contexto de pesquisas clínicas que se realizam a partir de uma perspectiva que pensa a produção de conhecimento, nas ciências humanas, como empreitada que se faz em campo intersubjetivo -, encontramos que o imaginário destes professores organiza-se primordialmente a partir de dois campos temáticos, de caráter psicológico não consciente: "abandono infantil" e "infertilidade".

A questão da infertilidade é invocada, nas produções dos professores, como principal motivação para a adoção. De fato, a adoção aparece como alternativa última para a realização do desejo de maternidade e paternidade, após várias tentativas frustradas de

gestação. Assim, a adoção se configura, segundo uma ótica bastante individualista, como solução para o problema do casal, sem levar em conta os carecimentos da criança. Este achado coincide com o que relatam Gagno e Weber (2003), que focalizaram a representação da adoção nas mídias brasileira e francesa, encontrando que esta prática é concebida primordialmente como “alternativa à infertilidade”, buscando manter o padrão da família biológica.

"Márcia e Pedro já estavam casados, há dez anos. No início do casamento, optaram por não ter filhos para que pudessem consolidar suas profissões. Tinham sucesso profissional, excelente situação financeira e uma bela casa confortável. No entanto, esta era vazia, fria. Decidiram ter um filho. Porém, Márcia não conseguia realizar o sonho de toda mulher: “Ser Mãe”. Foi ao médico, psicólogo e nada. Pedro mais relutante, dizia que o problema era com sua esposa. As brigas começaram. Pedro não aceitava a ideia de ter algum problema. Depois, foi ao médico e ficou constatado um problema. Márcia consolou o marido e disse que não tinha problema, que eles poderiam adotar uma criança. Deus estava mostrando o outro lado - adotar por amor, dizia ao seu marido. Pedro não concordou. Recordava de adoções, em sua pequena cidade, que não deram certo. Márcia a cada dia que passava ficava triste, deprimida e este temperamento afetou seu relacionamento em casa e em sua vida profissional. A situação estava cada vez mais complicada. Pedro começou a chegar tarde em casa. A separação parecia inevitável. Sua vida profissional também não era a mesma. Quando a situação estava insuportável, o amor que sempre existia no casal falou mais alto. Pedro e Márcia deixaram de lado as brigas e sentaram para conversar. Perceberam a crise que estavam enfrentando. Num clima de amor, decidiram adotar uma criança. Após os trâmites legais, trouxeram a criança para casa. Seu nome era Antônio. A paz voltou a reinar naquela casa que já não era fria, vazia. Havia vida. Quando

Antônio estava com três anos de idade, uma surpresa: Márcia estava grávida. Pedro havia feito um tratamento. Seu problema foi superado”.

O campo do abandono aparece, em nosso material, quando ocorre uma sintonia imaginária entre o participante e a figura desenhada, que se faz em termos de uma sensibilização em relação ao sofrimento, à angústia e às decepções das crianças que esperam por adoção. Nesta linha, aparece, em várias produções, a fantasia de se deparar com uma criança desamparada e sofrida que, ao ser adotada e salva do abandono, traria consigo um benefício para a vida do adotante.

“Havia muitas crianças no lugar onde eu vivia e, todos os dias iam casais nos visitar. Era uma alegria, mas no final eles iam embora e, nos deixavam sozinhos. Isto era muito triste para mim. Tinha dias que esses casais levavam crianças com eles para adoção. Essa era nossa esperança e expectativa. Por isso, que quando eles (casais) iam embora ficávamos muito tristes. Até que um dia, um casal começou a brincar comigo e me adotaram. Fiquei muito feliz. Hoje tenho um lar, um pai e uma mãe que me amam como filho. Mas, ainda fico triste ao lembrar que muitas crianças não puderam ter um fim como o meu. Ficando abandonados e a espera de amor”.

Se prosseguirmos numa linha associativa, pode se tornar claro que a articulação entre estes dois campos, infertilidade e abandono infantil, é exatamente o que configura um campo maior, que pode ser precisamente denominado como campo da exclusão insidiosa. Podemos pensar que, como a adoção é feita primordialmente para superar a frustração, torna-se realmente intolerável aceitar uma criança que já tenha memória. Em consequência, podemos dizer que a criança é aceita se pairar, em termos fantasiosos, a possibilidade de ser esquecida sua verdadeira origem. A criança é - e não é- filha

daqueles pais. Opera-se assim uma dinâmica semelhante àquela que constrói figuras como “o negro de alma branca” ou a do “judeu que nem pareceu judeu”. Entretanto, a situação reveste-se de gravidade de certa forma maior, porque ser judeu ou ser negro são atributos de self, mas não o próprio ser, o núcleo ou a raiz do “me” e do “not-me” (Winnicott, 1971). Assim, o modo como a sociedade brasileira se comporta diante da prática de adoção gera pesada carga sobre os ombros da criança adotada. Não nos locomovemos, aqui, num campo de ocorrência de exclusões aparentes, como a internação asilar do louco ou o asilamento de deficientes físicos (De Paula, 2000), mas num campo de sutil banimento da história e da pré-história individual.

Não foram observadas diferenças entre os professores em relação ao fato de trabalharem em escolas particulares ou públicas. Quanto à idade, em função da sua grande variação entre os entrevistados, não foram permitidas extrapolações no estudo acerca dessa diferença.

DISCUSSÃO

Tendo-se em vista nossas reflexões, há que fazer uma ressalva importante. Nossa conclusão não deve ser consumida de modo a gerar mais preconceito contra a pessoa adotada. Dizer que os adotados são onerados por viverem no contexto de um imaginário que concebe a adoção como tamponamento da impossibilidade reprodutiva de alguns não significa, de modo algum, que adotados sejam, quando comparados à população geral, fatalmente mais comprometidos do ponto de vista emocional, pois os processos de maturidade emocional são de tal modo complexos, e a potencialidade criadora humana pode assumir tal força, que qualquer tipo de afirmação taxativa deve ser vista com reservas. Não se trata, pois, de usar o termo “adotado” como sinônimo de “emocionalmente comprometido”, mas de rever práticas

sociais num sentido de favorecer o desenvolvimento de laços humanos mais altruístas, generosos e dignos.

Podemos, assim, finalizar concluindo que coexistem, no imaginário dos professores pesquisados sobre a adoção e a criança adotiva, duas visões até certo ponto antagônicas. De um lado, há indícios de haver uma consciência coletiva capaz de perceber que a existência de crianças disponíveis para a adoção aponta para uma grave problemática social, o que se evidencia quando surge o campo psicológico do abandono infantil. Por outro lado, prevalece uma perspectiva segundo a qual a criança abandonada aí está para resolver o sofrimento daqueles que não têm condições de gerar filhos biológicos. Tais achados nos levam a refletir no sentido de que é urgente uma mudança psicossocial, pois a prática da adoção, em nosso país, acaba se realizando muito mais pelo viés da resolução da infertilidade do que levando em conta os carecimentos radicais da população infantil abandonada. Tal mudança deve incidir, a nosso ver, tanto no plano da consciência social como no das práticas relativas ao cuidado e proteção da criança, que podem incluir estratégias de guarda por parte de pais adotivos que levem em conta, de modo profundo e radical, as necessidades infantis. A problemática da adoção parece desnudar certa contradição relativa à atribuição de marcada afetividade ao brasileiro, pois o quadro geral aponta menos para a generosidade e para o afeto e mais para a prevalência de atitudes narcisicamente autocentradas.

Finalmente, vale acrescentar que a necessidade de negação da história pregressa da criança, por parte dos pais adotivos, é conduta de caráter defensivo, que resulta de sua dificuldade em elaborar o drama da infertilidade. Tal conduta pode ser - e é - perfeitamente compreensível do ponto de vista clínico, especialmente em vertente psicanalítica, mas consiste, de fato, num movimento velado de

exclusão da personalidade originária do adotado, que, sendo inconsciente, não deixa de carregar em si uma carga de violência.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1994). Representações Sociais de Portadores de Deficiências e do Papel Profissional. *Boletim de Psicologia, São Paulo, XLIV(100-101), 55-60.*
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1995). O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP, 6(2), 103-127.*
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1997). Investigação de representações sociais. Em W. Trinca (Org.), *Formas de investigação clínica em psicologia.* (pp. 255-288). São Paulo: Vetor.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Encontro com a Loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia. Tese de Livre-Docência publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Camps, C. I. C. M. (2002). Representações Sociais de Professores sobre o Adolescente Problema. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, 1(1), 353-362.*
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana. São Paulo: Idéias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Recuperado em 11 de abril, 2008, de www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalho/php
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bleger, J. (1976). *Psicohigiene y Psicologia Institucional.* Buenos Aires: Paidós.
- Bleger, J. (1984). *Psicologia da Conduta* (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).

- Costa, L. F. & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 221-230.
- Costa, L. F. & Campos, N. M. V. (2004). A subjetividade presente no estudo psicossocial da adoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(1), 95-104.
- De Paula, A. R. (2000). Asilamento de Pessoas com Deficiência: institucionalização da incapacidade social. Tese de Doutorado Não Publicada, Instituto de Psicologia., Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dolto, F. (1998). Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ducatti, M. A. G. (2003). A tessitura inconsciente da adoção. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, M. C. (2006). Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise. Tese de Doutorado, Programa de Pósgraduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Concepções sobre adoção entre psicólogos e psicanalistas: observações iniciais. *Anais do XIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de Donald W. Winnicott*. Porto Alegre.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção Tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 73-80.
- Fonseca, C. (2006). Uma virada imprevista: o "fim" da adoção internacional no Brasil. *Dados Revista de Ciências Sociais*, 49(1), 41-66.
- Gagno, A. P. & Weber, L. N. D. (2003). A adoção na mídia: revisão da literatura nacional e internacional. *Paidéia*, 13(25), 111-118.
- Giddens, A. (1999). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Hamad, N. (2002). A criança adotiva e suas famílias (S. R. Felgueiras, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Herrmann, F. (1991). *O Método Psicanalítico*. São Paulo: Brasiliense.
(Original publicado em 1979).
- Ionescu, S. (1994). *Catorce enfoques de la psicopatologia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- Iyama, R. (2004). *Os pais adotivos: preconceitos, fantasias, fatores motivacionais inconscientes e suas implicações na formação do sintoma da criança*. Dissertação de Mestrado Publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Joffe, H. (1994). "Eu não", "O meu grupo não": representações sociais transculturais da aids. Em S. Jovchelovitch & P. Guareschi (Orgs.), *Textos em representações sociais* (pp. 297-322). Petrópolis: Vozes.
- Joffe, H. (1996). The shock of the new: A psycho-dynamic extension of social representations theory. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 26(2), 197-220.
- Joffe, H. (1998). Degradação, desejo e 'o outro'. Em A. Arruda (Org.), *Representando a alteridade* (pp. 109-128). Petrópolis, Vozes.
- Kaiado, K. R. M. (2006). *Aluno Deficiente Visual na Escola*. Campinas: Autores Associados/PUC.
- Levinzon, G. K. (2004). *Adoção (Coleção Clínica Psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Levy, L. & Jonathan, E. G. (2004). A criança adotada no imaginário social. *Psicologia*, 35(1), 1-68.
- Machado, M. C. L. (1995). *Universo em Desencanto*. São Paulo: IPUSP.
- Martins, D. F. G. (1998). *Representações de Endocrinologistas e Obesos sobre tratamento da obesidade*. Tese de Doutorado Não Publicada, Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Paiva, L. D. de. (2004). *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estudos Psicologia (Natal)*, 8(1), 25-36.

Sant'Ana, I. M. (2005). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 227-234.

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros.

Weber, L. N. D. A pesquisa sobre adoção no Brasil: uma necessidade. *Revista Psicologia Argumento*, (18)26, 27-33.

Winnicott, D. W. (1983). *Distorções do Ego em Termos de Verdadeiro e Falso Self. O Ambiente e os Processos de Maturação* (O. Constantino Trad.). Porto Alegre, Artes Médicas. (Original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1965) *O Ambiente e os Processos de Maturação* (O. Constantino Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1971). *O brincar: a atividade criativa e a busca de eu (self)*. Em D. W Winnicott, *O Brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trads.) Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1975).



Adoção e abandono

Trabalho originalmente publicado sob o título Abandono do filho: paradoxo e sofrimento emocional, no Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: propostas e pesquisas. IP-USP, São Paulo. 2015. p. 295-299.

RESUMO

O presente trabalho, que se insere em um estudo mais amplo sobre abandono infantil e adoção de crianças, reflete sobre a deserção da parentalidade e, em especial, sobre o abandono do filho. Discute o paradoxo que vivemos na sociedade brasileira que, por um lado, exige que todos cumpram igualmente as responsabilidades parentais enquanto, por outro lado, perpetua desigualdade e precariedade sociais, que dificultam ou impossibilitam o cuidado dos filhos. Acreditamos que esse paradoxo é fundamento de situações de exclusão social e sofrimento emocional, como nos casos de abandono de bebês em função da miséria. Tais contextos acabam por se tornar invisíveis em um país marcado pelo descaso com as classes subalternas e com as crianças, o que provoca questionamentos éticos sobre as políticas sociais vigentes.

Palavras-chave: abandono de bebê, parentalidade, família, sofrimento social

Certa vez, no contexto de conversas com profissionais de saúde sobre mulheres que entregam ou abandonam seus filhos, uma participante, enfermeira de profissão, comentou o quanto isso acontecia constantemente no seu local de trabalho:

“Isso é tão comum... Em geral, essas situações acontecem pela falta de condições socioeconômicas da mãe ou da família, para cuidar do filho, levando os órgãos públicos a tomarem uma atitude, retirando os bebês das mães. Algumas mães se revoltam, não querem ver seu filho indo embora, sendo colocado para adoção; elas choram, se descabelam mas acabam se rendendo porque sabem que não

poderão cuidar de seu próprio bebê e sequer encontrarão ajuda para isso.”

O abandono do filho, realizado deliberadamente pelas próprias mães, é o resultado de situações complexas, muitas vezes precárias, vividas de modo desesperançado. Vale a pena seguir ouvindo esta enfermeira:

“A mãe, as vezes, abandona o bebê aqui mesmo no hospital, pois é uma usuária de drogas, em especial do crack, que não tem perspectiva nenhuma de sair dessa condição, na qual, provavelmente, entrou pela mesma razão.”

Essas mães não podem, não querem ou não conseguem cuidar do seu bebê recém-nascido. Tal afirmação, cujo caráter é descritivo, só ganha pleno sentido se nos lembrarmos do contexto cultural em que vivemos, segundo o qual todos os pais – ou talvez todas as mães – devem arcar com os deveres de cuidado dos filhos. O dever é pensado, aqui, sob uma perspectiva igualitária, no sentido de que todos os cidadãos encontram-se sob as mesmas injunções éticas e jurídicas. Contudo, o que logo salta à vista é a desconsideração das condições concretas de existência das classes subalternas. Nesse sentido, viver sob uma ponte comendo restos de comida ou viver em uma casa ampla em um bairro nobre não seriam contingências do exercício satisfatório ou insatisfatório da parentalidade. Uma igualdade formal sobrepõe-se à desigualdade real, de modo que a garantia dos direitos da criança se faz, de fato, de modo abstrato, pois não inclui a consideração das condições sociais em que vivem seus pais.

Podemos chamar essa condição de descaso social, que nada mais é do que um modo de nos referirmos às deficiências de políticas públicas voltadas ao cuidado dos contingentes mais desfavorecidos da população – que são os mais numerosos. Cidadãos que não contam com um ambiente social respeitoso e atento às suas necessidades,

físicas e psicológicas, realmente enfrentarão graves dificuldades para alcançar vidas dignas e cuidar bem dos filhos.

Em contextos adversos, antes mesmo de chegar à gravidez, a mãe provavelmente está passando por dificuldades econômicas, sociais e emocionais. Quando sobrevém, a gestação já se apresenta como mais um ônus a enfrentar. Isso pode ser facilmente constatado nos inúmeros casos de meninas de rua que, engravidando, saem das suas casas para evitar maus tratos e violência familiar. Esperam, por outro lado, encontrar nas ruas o acolhimento de pessoas que vivem os mesmos dramas familiares (Scappaticci & Blay, 2009).

Interessante comentar que, em uma pesquisa que realizamos, interpretando campos de sentido afetivo-emocional, sobre como essas mães são retratadas em notícias da mídia (Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2014), encontramos uma configuração imaginativa indicando que a mãe que abandona seu bebê seria alguém que deveria ser julgada: uma criminosa. O crime de abandono é visto sob duas perspectivas: acompanhado por um agravante, que seria a pura crueldade da mulher ou por um atenuante, que seria o desespero causado por condições de vida precárias. Contudo, vale ressaltar que o fator atenuante não inocenta a mulher, de modo que aquela que se desespera não deixa de ser criminosa. Esses mesmos campos puderam ser vistos, sob uma diferente perspectiva metodológica, em pesquisa de Lima (2011), que discute a imagem monstruosa expressa nas notícias veiculadas pela mídia entre anos de 2008 e 2009, em relação à mãe que abandona seu filho.

As exigências do Brasil é de que todas as mães e pais cuidem de seus filhos e cumpram as responsabilidades previstas, sob o risco de serem condenados. Mas as ocorrências concretas no dia a dia dessa realidade estão muito distantes de serem vistas e reconhecidas. Estão apagadas e invisíveis. Não há leite, não há trabalho, não há refúgio.

Há muita droga, muito sofrimento e pouca perspectiva. Muitas vezes, não há pai. A parentalidade, portanto, se restringe, quase como sinônimo, à maternidade.

Chegamos assim a um paradoxo, a uma situação que se apresenta sem saída, fruto de uma sociedade dividida e dissociada entre oportunidades e dificuldades, entre ricos e pobres, entre sorte e infortúnio. Desamparo e abandono. Problematizamos, portanto, uma das consequências dessa vida tão sem ordem e sem esperança: um número importante de abandono de bebês.

Entre a precariedade social e as dificuldades enfrentadas por muitas famílias brasileiras, assoladas pelo paradoxo de terem que exercer a parentalidade sem condições suficientes para isso, somos levados, como psicólogos psicanalistas, a considerar atentamente o sofrimento emocional que aí emerge. A experiência de dificuldade de administrar autonomamente a própria vida e a vida de um filho, apesar de ser tão comum no cenário brasileiro, é parte desse sofrimento. Como naquela situação de uma mulher que, precisando trabalhar e de alguém para cuidar de seu filho, deixa o bebê de manhãzinha, na portaria da prefeitura de Guaramirin, como forma de protesto. Com ele, preparou alguns pertences e um bilhete com seu celular para que pudessem localizá-la¹¹.

Vivemos, assim, sofrimento social importante com o abandono de bebês, que gera sentimento de impotência naqueles que são capazes de enxergá-lo. Como disse a enfermeira entrevistada, esta é uma situação rotineira e comum. Contudo, se abirmos os olhos, estaremos diante de uma questão absolutamente séria: mais uma criança terá seu destino marcado pelo abandono e precárias são as alternativas que lhe serão oferecidas por esta sociedade.

¹¹ Notícia publicada no site G1.globo.com, do G1 de Santa Catarina, em 19/2/2014.

Finalizamos lembrando que, ao que tudo indica, os psicólogos têm sempre, diante de si, quando se defrontam com situações de sofrimento, duas alternativas: 1) considerar que as condutas emergem somente da interioridade psíquica individual ou 2) considerar que as condutas emergem de campos afetivo-emocionais, de caráter vincular, que ocorrem em contextos sociais, econômicos, geopolíticos e culturais específicos. Quando a primeira alternativa é assumida, não são buscadas soluções no plano ético-político. Presume-se que a desgraça e o infortúnio são naturais e que o máximo a fazer seria aumentar a resiliência pessoal. Quando a segunda alternativa é escolhida, percebemos que grande parte daquilo que nos chega como demanda, na clínica institucional, são sofrimentos sociais, vale dizer, desamparo, humilhação e injustiça, que não tem origem natural, mas são humana e socialmente produzidos.

REFERÊNCIAS:

- Ferreira-Teixeira, M.C. & Aiello-Vaisberg, T.MJ. (2014). *Imaginário coletivo sobre adolescentes que entregam bebês para adoção: considerações preliminares*. Trabalho apresentado no 13º Congresso Brasileiro sobre Adolescência, Aracaju, SE.
- Lima, A. X. S. (2011). *Mães más: um olhar sobre o abandono*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social. Universidade Federal Fluminense, Niteroi, RJ.
- Scappaticci, A. L. S. & Blay, S. L. (2009). Homeless teen mothers: social and psychological aspects. *J Public Health*. DOI 10.1007/s10389-008-0195-8.



A d o ç ã o e homoparentalidade

Trabalho originalmente publicado sob o título O imaginário da adoção homoparental no filme Patrik 1.5, no Anais da XII Jornada Apoiar: A clínica social - propostas, pesquisas e intervenções. IP-USP, São Paulo. 2014.

RESUMO

O objetivo desta comunicação é apresentar resultados preliminares e parciais de uma pesquisa que investiga o imaginário coletivo sobre adoção e homoparentalidade, questão que vem ganhando relevância em nosso país, à medida em que debates sobre as formas contemporâneas de vida têm sido colocados por diferentes movimentos sociais. Trata-se de apresentar um dos campos de sentido afetivo-emocional que pudemos produzir interpretativamente a partir do estudo psicanalítico de uma produção cinematográfica: "Patrik 1.5". A pesquisa, como um todo, organizou-se por meio de operacionalização do método psicanalítico em termos de 1) sucessivas exposições à película, 2) elaboração de uma narrativa transferencial, focada nos impactos afetivo-emocionais emergentes no encontro com o material cultural e 3) produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, a partir dos quais teria emergido o drama retratado no filme. Este processo permitiu, até o momento, a criação/encontro do campo que aqui examinamos, o qual pode ser definido como um mundo vivencial que se constitui a partir da crença de que homossexuais são pessoas diferentes, que molestam crianças que, sob sua tutela, correriam riscos graves. Este quadro, onde vigora uma sobreposição imaginativa entre as figuras do homossexual e do pedófilo, indica tanto um posicionamento preconceituoso, como temores paranoicos em relação a aqueles que não se definem segundo uma normatividade heterossexual.

Palavras-Chave: homoparentalidade, adoção, imaginário coletivo, pesquisa com método psicanalítico, cinema.

A adoção de crianças tem sido amplamente estudada nas mais diversas áreas de conhecimento. No contexto da

família homoparental, este tema tem sido alvo de estudos científicos que vêm aumentando significativamente. Atualmente, ao indicarmos, na base Pubmed, palavras-chave como *gays families*, encontramos mais de 2.200 retornos de artigos científicos.

Temos voltado nossa atenção para o fenômeno da adoção, tanto em atendimentos psicológicos, particulares e institucionais, como em estudos empíricos, que temos realizado, focalizando professores (Ferreira, 2006; Pontes, Cabreira, Ferreira, & Aiello-Vaisberg, 2008), famílias (Gallo-Belluzzo, Ferreira-Teixeira, Oliveira, Marinho & Corsi, 2013). A nosso ver, a adoção tende a se associar fortemente a situações de sofrimento e preconceito, tanto quando é demandada por casais heterossexuais, como quando é buscada por pessoas solteiras, por estrangeiros, no caso da adoção internacional, ou no contexto da realização de um projeto de homoparentalidade. Muitas vezes este quadro se complica por outras razões, entre as quais se inclui, por exemplo, a questão inter-racial.

O objetivo da presente pesquisa é investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a adoção homoparental, tal como pode se revelar em produções culturais. Escolhemos estudar uma produção cinematográfica, "Patrik 1.5", filme que tem como foco a vida de um casal homossexual sueco, Göran, médico, e Sven, publicitário, que após se casarem e mudarem para uma charmosa vila na Suécia, desejam adotar um bebê.

O sonho de adoção de uma criança por homossexuais é hoje uma realidade possível em vários países. Em alguns países da Europa, como, entre outros, Holanda e Suécia, este tipo de adoção ocorre há mais de dez anos. No Brasil estamos caminhando desde 2011 para o início de um aumento significativo de adoções de crianças por casais homossexuais.

No cenário brasileiro, caracterizado por desigualdades, precariedades sociais profundas e injustiças, vislumbrar a possibilidade de uma criança institucionalizada, em abrigos precários, voltar para a própria família, não se faz com tanto otimismo. Além disso, mesmo que a lei proíba estadias institucionais por mais de dois anos de abrigo, o que se efetiva de fato são abandono e desamparo social.

AS PESQUISAS SOBRE ADOÇÃO HOMOPARENTAL

Nas bases de dados das ciências humanas e da saúde em geral, podemos identificar dois grandes grupos de pesquisas empíricas sobre adoção homoparental. Um deles é realizado por pesquisadores das áreas da psicologia e psiquiatria clínicas, que se caracterizam como investigações sobre a sanidade mental dos adotantes, focando especialmente a apresentação eventual de transtornos de ansiedade e depressão, ou sobre os adotados, em termos de averiguar eventuais efeitos prejudiciais ao seu desenvolvimento emocional. O outro grupo consiste em trabalhos de psicólogos sociais que abordam os fenômenos de preconceito, exclusão e homofobia. Estes se colocam, claramente, a partir de uma preocupação ideológica com o respeito aos direitos de pessoas que não se definem como heterossexuais segundo os padrões dominantes.

Concernente ao primeiro grupo, destacamos alguns estudos representativos sobre as consequências da situação da adoção por homossexuais, no desenvolvimento comportamental, emocional e social das crianças e sobre as condições de bem-estar dos pais homossexuais, em processos adotivos, de Perrin e Siegel (2013), Goldberg e Smith (2013) e Golombok, Mellish, Jennings, Casey, Tasker e Lamb (2014). Optamos por enfatizá-los por comporem um conjunto de pesquisas sobre homoparentalidade organizado metodologicamente

abarcando diversos pontos de vista, educacionais, mentais, sociais, que exploram o assunto com amplitude. Em geral, consistem em pesquisas de metodologia positivista, cujos resultados indicam similaridade nos desenvolvimentos comportamental, cognitivo e social das crianças adotadas por homossexuais, quando comparadas a outros grupos. Também apontam pouca diferença em níveis de ansiedade e depressão entre pais gays e heterossexuais. Tais investigações produzem conhecimentos que despertam certo interesse, porque mostram que, à luz dos instrumentos escolhidos e das estratégias metodológicas utilizadas, as famílias homoparentais não parecem mais problemáticas do que as demais. Contudo, não contribuem, a nosso ver, para o conhecimento compreensivo da subjetividade dos envolvidos, em função da epistemologia e da antropologia que adotam.

Usando variados conceitos, segundo as perspectivas teórico-metodológicas a partir das quais se delineiam, o segundo grupo é integrado por estudos sobre o que podemos designar, para facilitar a comunicação, como reações vivenciadas por diferentes grupos face à homoparentalidade. Nele se incluem, por exemplo, alguns estudos realizados em Portugal (Costa, Caldeira, Fernandes, Rita, Pereira & Leal, 2013; Gato & Fontaine, 2013) e no Brasil (Araujo, Oliveira, Souza & Castanha, 2007; Jurado, 2013; Pereira, Torres, Falcão & Pereira, 2013), os quais convergem no sentido de apresentar, como resultados, que os participantes exibem condutas preconceituosas em relação à adoção por homossexuais.

Na presente pesquisa, debruçada sobre o filme Patrik 1.5, visamos nos aproximar da forma como uma sociedade, bastante diversa da brasileira, em variados aspectos, vem se apropriando do tema e das condições concretas de vida dessas famílias. Investigamos essa produção cinematográfica sobre uma família sueca, cujas características socioculturais e econômicas configuram um contexto em que a ideia de tolerância à adoção homoparental não se justifica

em função da pobreza e da incapacidade da sociedade civil de atender, dignamente, às necessidades de crianças e adolescentes institucionalizados.

ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Desde seus inícios, a psicanálise surgiu como forma *sui generis* de intervenção clínica, mas muito cedo seu método investigativo foi usado no estudo de produções culturais, como a literatura e a mitologia grega, criando uma forma de apreciação de subjetividades coletivas que se efetua a partir do encontro sistemático com obras de arte (Freud, 1907/1980; 1910/1980; 1912/1980).

A partir das contribuições freudianas, diferentes perspectivas psicanalíticas se desenvolveram, de modo que hoje a psicanálise se constitui como um campo bastante heterogêneo, povoado por diferentes tipos de pensamento, que compartilham uma ancestralidade comum. Um modo de entender esta heterogeneidade e complexidade pode ser alcançado por meio do estudo da contribuição de Politzer (1928/1994), que pioneiramente distinguiu uma duplicidade discursiva no interior do texto freudiano. De um lado, haveria uma metapsicologia fisicalista e abstrata e de outro uma psicologia dramática e concreta.

Adotamos a abordagem preconizada por Politzer (1928/1994), em termos de considerar a psicanálise, em suas teorizações clínicas não metapsicológicas, como a melhor realização de uma psicologia concreta. Nesta linha, concebemos as produções culturais como uma possibilidade fecunda de expressar a dramática da vida.

Psicanaliticamente orientada, a psicologia concreta é uma perspectiva interpretativa focada nos substratos lógico-emocionais

subjacentes às condutas, vale dizer, nos determinantes emocionais inconscientes (Bleger, 1963). As histórias, os personagens, as imagens, as músicas, enfim, todas manifestações humanas apresentadas nas produções cinematográficas, que sensibilizem o espectador, permitem a busca dos determinantes lógico-emocionais, a partir dos quais emerge a conduta. Numa tentativa de deixar maximamente clara a superação de uma visão do inconsciente como fenômeno psíquico individual, temos preferido substituir o termo, forjando o conceito de campos de sentido afetivo-emocional (Couto, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Pontes et al, 2008; Russo, Couto & Aiello-Vaisberg, 2009; Martins & Aiello-Vaisberg, 2009, 2010; Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Fialho, Fernandes, Montezi & Aiello-Vaisberg, 2012; Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2013; Granato & Aiello-Vaisberg, 2013; Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013; Tachibana, Montezi, Barcelos, Sirota & Aiello-Vaisberg, 2015).

Em nossa perspectiva psicanalítica, concebemos as condutas humanas concretas como objeto de estudo e entendemos o inconsciente como conceito que elucida o sentido da experiência e da atividade humana, inerentemente complexas e contraditórias (Bleger, 1963; Politzer, 1928/1994). Em sendo assim, vale destacar que, por não acreditarmos em um inconsciente objetivado, não concebemos as produções culturais como meras “projeções do inconsciente” do artista, para vê-las como exteriorizações emergentes de campos afetivo-emocionais, cuja caráter não é primariamente intrapsíquico mas relacional, intersubjetivo, inter-humano (Montezi, Barcelos, Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2013).

Neste trabalho escolhemos estudar uma produção cinematográfica, tomada como uma expressão coletiva de condutas de seres humanos concretos, que pode ser abordada pelas diversas

ciências humanas, tais como, antropologia, história, filosofia, economia, sociologia e outras. O cinema, considerado a sétima arte, permite-nos entrar em contato com a atmosfera emocional na qual as pessoas estão vivendo, permitindo diversas leituras e interpretações. Neste contexto, a contribuição da psicologia concreta se faz pela consideração dos sentidos afetivo-emocionais, que podem ser compreendidos, como acontecer inter-humano, na medida em que pudermos criar/encontrar os campos relacionais a partir dos quais emergem como condutas.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Subscrevemos um posicionamento epistemológico segundo o qual o método psicanalítico é logicamente anterior às teorias que dele derivam, bem como aos procedimentos clínicos, segundo enquadres clássico ou diferenciados, nos quais pode ser utilizado. Defendemos, enfaticamente, que a ordem cronológica da invenção da perspectiva psicanalítica não deve ser confundida com a grande contribuição, para a compreensão do humano, em que se constituiu. Esta confusão reduz a potencialidade heurística do método, empobrecendo lamentavelmente seu alcance. Infelizmente, tem sido feita em nome de uma suposta fidelidade aos textos freudianos, argumento que não se sustenta se examinamos tanto o modo como Freud (1923/1996) definiu a própria psicanálise, como suas iniciativas no estudo de obras de arte e de fenômenos culturais (Freud, 1907/1980; 1910/1980; 1912/1980). Devemos esta clareza aos estudos metodológicos realizados, em nosso meio, por Fabio Herrmann (1979).

As regras fundamentais que regem o método, atenção flutuante e associação livre de ideias, efetivam-se em todas as etapas da pesquisa. Elas exigem, a nosso ver, uma atitude fenomenológica, que

consiste na suspensão provisória de apego a teorias, crenças e outros conhecimentos anteriores (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010).

Temos utilizado este método em pesquisas psicanalíticas empíricas em contextos externos ao dispositivo clássico da clínica. Quando usado em pesquisas que focalizam material cultural, deve ser desdobrado em cinco tipos de procedimentos investigativos: 1) de seleção da produção cultural, 2) de configuração do acontecer pesquisado, 3) de registro do encontro com o material cultural, 4) de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional e 5) de discussão ou interlocução reflexiva.

No que diz respeito ao *processo de seleção do material cultural*, cabe declarar que decidimos buscar produções cinematográficas que atendessem aos seguintes critérios: a) versar, em seu conteúdo manifesto, sobre homoparentalidade; b) trazer, em seu conteúdo manifesto, a etapa de espera de adoção por pais homossexuais; c) focalizar a situação em sociedades com a lei aprovada há mais de dez anos, cujo foco não fosse o problema da pobreza e da incapacidade da sociedade civil de atender dignamente às necessidades de crianças e adolescentes institucionalizados; d) estar gratuitamente disponíveis na *web* com legenda ou tradução.

Buscamos as produções nos sites abertos google e globo.com, utilizando as palavras-chave "casal gay", "casal homoparental", "casal homossexual", "famílias gays e homoparentais", "adoção homoparental, por gays ou por homossexuais". Encontramos 03 produções: 1) *Comme les autres* (Vicent Garent, 2008, França), excluído pelos critérios b e c; 2) *Minhas mães e meu pai* (Lisa Cholodenko, 2010, EUA), excluído pelos critérios b e c; e 3) *Patrik 1,5* (Ella Lemhagen, 2008, Suécia) que tratava de adoção homoparental na Suécia. Após selecionar as produções, restou-nos um filme que respondia a esses critérios, *Patrik1,5*. Esta

produção cinematográfica configura o material inicial da pesquisa e deve ser compreendida como expressão de um encontro intersubjetivo entre pesquisadoras e obra.

O procedimento de *configuração do acontecer pesquisado* foi realizado iniciando-se por repetidas exposições à película, em estado de atenção flutuante, com abertura para a associação de ideias e ressonâncias afetivo-emocionais, permitindo que impressões tocassem emocionalmente as pesquisadoras.

Desses encontros com a obra, partimos para uma terceira etapa, de *registro do acontecer pesquisado*, no caso o material cultural, elaborando uma narrativa transferencial. As narrativas transferenciais (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009; Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011) são registros das experiências vividas no encontro com o fenômeno, a partir das quais podemos criar conhecimento, promovendo o compartilhamento da experiência desse encontro. Este tipo de narrativa se focaliza nos impactos afetivo-emocionais emergentes no encontro com o material cultural.

Após sua elaboração, compartilhamos a narrativa com o Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq, Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, cujos integrantes estão capacitados a usar o método psicanalítico em pesquisas empíricas e podem contribuir com associações de ideias. Deste modo iniciamos um processo de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional. Após esta etapa, foi possível, por meio de uma revisitação das narrativas, chegar ao procedimento de *produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional*, ou inconscientes relativos, a partir dos quais teria emergido o drama retratado no filme.

A produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional fundamenta-se em uma perspectiva psicanalítica concreta e

relacional, concebendo o inconsciente como um campo que se encontra *entre* as pessoas. Nesse sentido, as manifestações humanas seriam emergentes de campos relacionais, intersubjetivos, interpessoais, que, em grande extensão, seriam inconscientes. A interpretação dos campos se efetiva quando as narrativas transferenciais são revistas à luz da observação de palavras de ordem norteadoras: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar o desenho ou delineamento do sentido” (Hermann, 1979). Por este caminho, torna-se possível criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocional que, sendo habitados por indivíduos e coletivos, sustentam suas condutas.

O *procedimento de interlocução reflexiva*, etapa investigativa que se segue à produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, consiste no exame de ideias e teorias que possam auxiliar na compreensão dos achados do estudo. Neste momento, operamos uma suspensão do método psicanalítico para uma retomada crítica de nossas interpretações à luz de teorias e pensamentos de diferentes estudiosos, psicanalíticos ou não, que adotem perspectivas antropológicas convergentes com as nossas, além de apresentarmos nossas próprias experiências e desenvolvimento teórico decorrente das interpretações.

CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL

Seguindo atentamente as observações dos passos constitutivos do método psicanalítico, foi possível nos aproximar da complexidade inerente à produção cinematográfica e produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos, segundo os quais se organiza o imaginário do filme *Patrik 1.5*.

Ainda com a pesquisa em andamento, produzimos interpretativamente dois campos de sentido afetivo-emocional: “Diferentes e Perigosos” e “Mas Eles Podem ser Boas Pessoas”. A partir

deste ponto, demos início ao estabelecimento de *interloquções reflexivas*, focalizando, na presente comunicação, apenas o primeiro campo.

O campo denominado “Diferentes e Perigosos” – corresponde a um mundo vivencial organizado sob a crença de que homossexuais seriam pessoas nefastas, que poderiam chegar até a molestarem crianças e adolescentes.

Em diversas cenas da película, condutas emergentes deste campo dominam a cena. Por exemplo, no contraste que estabelecem entre as famílias nucleares tradicionais, habitando casas muito similares, encontramos uma clara alusão à diferença. A configuração da festa de aniversário indica as expectativas de todos, de que os casais sejam, sempre, heterossexuais. A resistência de um pai a ter seu filho atendido por um doutor assumidamente homossexual é outra situação que evidencia dificuldades de convivência com aquele tido como diferente, perigosamente diferente. O próprio Patrik, ao saber que fora encaminhado, para adoção, a um casal homossexual, fica furioso e assustado. Declara que não quer morar com gays, que seriam “velhacos que gostam de comer garotinhos de 14 anos”. Essa mesma ideia, qual seja, de abuso sexual do menor adotado, aparece nas fantasias de um vizinho do casal. Nota-se, portanto, uma associação imaginativa entre homossexualidade e pedofilia.

Ainda podemos identificar condutas emergentes desse campo de preconceito e exclusão na cena onde a funcionária do centro de adoção diz ao casal homossexual que não teriam chance de adotar uma criança pequena, porque nenhum país consentiria em entregar crianças para homossexuais. Restar-lhes-ia, como única possibilidade, aceitar um adolescente com histórico de atos delinquentes.

Emergem, também, a partir deste campo, as angústias e frustrações oriundas das dificuldades do casal gay no processo de

adoção. Nesta linha, devem ser lembradas também as dificuldades de aprovação do pedido de adoção pelo órgão público e a solidão do casal gay que acompanha as alegrias dos demais no processo de constituição de suas famílias.

INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS PRELIMINARES

Ainda que levando em conta que nos encontramos numa etapa intermediária no processo de realização da presente pesquisa, podemos ensaiar um início de interlocuções reflexivas sobre o campo que aqui examinamos.

Parece-nos interessante apontar que, em que pese o fato da adoção homoparental ser legalizada na Suécia, percebemos indícios claros de que a questão suscita angústias e temores, contra os quais se forjam defensivamente condutas preconceituosas. À luz das contribuições de Bleger (1963), não temos dificuldades em identificar que nos encontramos diante de um campo de característica paranoide. Trata-se de uma configuração imaginária segundo a qual o mundo se dividiria em seres intrinsecamente bondosos e ou seres inerente e irremediavelmente maléficos. Esta maldade poderia se expressar segundo diferentes características, tais como cobiça, inveja, crueldade, perversão sexual e outras. No presente caso, os homossexuais são considerados pedófilos e, portanto, sexualmente degenerados. Esta visão é bastante interessante porque atualmente os crimes de pedofilia se encontram entre aqueles que mais profundamente ferem a sensibilidade das sociedades ocidentais que se definem como democráticas, mesmo se convivem com desigualdades sociais profundamente inaceitáveis do ponto de vista ético.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L., Ayouch, T., Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D.Beaune (Org.) *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (pp. 39-52). Lille: L'Harmattan
- Aiello-Vaisberg, T.M.J & Ambrosio, F. F. (2013). Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In: Walter Trinca. (Org.). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. 01ed. São Paulo: Vetor, v. 01, p. 277-302.
- Araújo, L. F. de, Oliveira, J. da S. C. de, Souza, V. C. de & Castanha, A. R. (2007). Adoção de crianças por casais homoafetivos: um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 95-102.
- Ávila, C. F., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência?. *Paidéia*, 18 (39), 155- 164.
- Barcelos, T.F., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática* 12 (1), 85-96.
- Barreto, M.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade* 19 (1), 107-114.
- Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 310-329.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia de la Conduta*. Buenos Aires: Paidós.
- Cabreira, J.C., Pontes, M.L.S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>

- Costa, P.A., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H. & Leal, I. (2013) Atitudes da População Portuguesa em Relação à Homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 26(4), p. 790-798. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400020&lng=en&nrm=iso>. Access on 11 Oct. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000400020>.
- Couto, T.H.A.M., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007) A Mãe, o Filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, 17(37), 265- 272.
- Ferreira, M. C. (2006). *Encontrando a Criança Adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: www.puc-campinas.edu.br
- Fialho, A. A., Fernandes, R.A., Montezi, A. V. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros, 2012, São Paulo (SP) [online]. 2012 [cited 28 April 2013]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso> .*
- Freud, S. (1906-1907/1980). Delírio e Sonhos na "Gradiva" de Jensen. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1907)
- Freud, S. (1910/1980). Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (1911-1912/1980). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1912)

- Freud, S. (1923/1996). Dois verbetes de enciclopédia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1922).
- Gallo-Belluzzo, S.R., Ferreira-Teixeira, M.C., Oliveira, C.G., Marinho & D.H.; Corsi, S. (2013). A "longa espera" e outros campos do imaginário de casais que aguardam adoção sobre a criança adotiva. *Revista Intellectus* Ano IX, 25, 148-160.
- Gato, J. & Fontaine, A.M. (2013) Anticipation of the sexual and gender development of children adopted by same-sex couples. *International Journal of Psychology*. Vol. 48, No. 3, 244–253, <http://dx.doi.org/10.1080/00207594.2011.645484>
- Goldberg, A.E. & Smith, J.Z. (2011). Stigma, Social Context, and Mental Health: Lesbian and Gay Couples Across the Transition to Adoptive Parenthood. *J Couns Psychol*. January ; 58(1): 139–150. doi:10.1037/a0021684.
- Goldberg, A.E., Kinkler, L.A., Moyer, A.M. & Weber, E. (2014). Intimate Relationship Challenges in Early Parenthood among Lesbian, Gay, and Heterosexual Couples Adopting via the Child Welfare System. *Prof Psychol Res Pr*. Aug;45(4):221-230.
- Golombok, S., Mellish, L., Jennings, S., Casey, P., Tasker, F. & Lamb, M E. (2014). Adoptive Gay Father Families: Parent–Child Relationships and Children's Psychological Adjustment. *Child Development*. 85(2). 456–68, March/April.
- Granato, T.M.M.; Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 16 (1), 157-163
- Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013) Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25 (1), 17-36.
- Hermann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Jurado, T. (2013). *Produções imaginativas sobre a homoparentalidade por meio de narrativas interativas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

- Martins, P. C. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e Imaginário Coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31(2), 18-35.
- Martins, P.C.R. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). "Será que ele é?" Imaginário coletivo sobre homossexualidade. *Perspectiva* (Erexim), v.33, p.43-52.
- Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Ambrósio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-88
- Pereira, C.R.; Torres, A.R.; Falcão, L. & Pereira, A.S. (2013) O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à Adoção por Famílias Homoafetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 29 (1), p. 79-89. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Oct. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000100010>.
- Perrin, E.C., & Siegel, B.S. Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health of the American Academy of Pediatrics. (2013) Promoting the well-being of children whose parents are gay or lesbian. *Pediatrics*. Apr;131(4):e1374-83. doi: 10.1542/peds.2013-0377.
- Politzer, G. (1994). *A crítica dos fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a psicanálise*. (Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva, Trad.) Piracicaba: Unimep.(Trabalho original publicado em 1928)
- Pontes, M. L. S., Cabreira, J. C., Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13 (3), 495-502.
- Russo, R.C.T., Couto, T.H.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Imaginário Coletivo de Estudantes de Educação Física sobre Pessoas com Deficiência. *Psicologia e Sociedade*, 21 (2), 250-255.
- Tachibana, M., ~~Montezi, A. V.~~, Barcelos, T.F., Sirota, A. & Aiello-Vaisberg T. M. J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, v. Vol.5(1), p. 474-49.



Adoção e racismo

Trabalho originalmente publicado sob o título Um bebê pobre e uma moça rica: reflexões sobre as origens da criança adotiva, no X Encontro brasileiro sobre o pensamento de D.W. Winnicott, 2015.

RESUMO

Preocupados com a saúde mental de crianças e jovens que foram adotados, pretendemos introduzir, no presente trabalho, uma discussão sobre o imaginário das origens da filiação adotiva no contexto brasileiro atual. Um fenômeno aqui bastante frequente é o da busca de informações sobre a família biológica, movimento compreensível desde a perspectiva da psicologia do *self*, mas difícil de ser realizado, em nosso país, mesmo diante da nova legislação em vigor. A partir daí se configura uma nova problemática clínica, na medida em que saber da origem se mescla, numa imensa maioria dos casos, com um defrontar-se com o drama da pobreza. Vivendo normalmente em condições bastante precárias, as mães que abandonam/entregam bebês geralmente são jovens solteiras, com baixa escolaridade e baixa renda, desempregadas ou subempregadas. O quadro também pode incluir uso de drogas e outras problemáticas associadas. Nesse sentido, levantamos, para discussão, como o adentrar na própria história familiar, que forçosamente levaria ao contato com o drama de pobreza, pode se constituir como processo de criação de sentido, em termos de verdadeiro *self*, de integração, caso se dê de modo sustentado em âmbito de ambientes suficientemente bons.

Palavras-chave: adoção, origens familiares, imaginário

ABSTRACT

Out of concern for the mental health of children and teenagers who have been adopted, this research aims to start a discussion on the imaginary of adoptive children's origin in the Brazilian context. The search for information on the adoptive child's biological family is very common - and also understandable from the perspective of the self's psychology - but, in Brazil, it is also usually a hard task given legislation

on the matter. That is also where a new clinical problematic is configured, as knowing one's origin means, in an immense majority of cases, coming face to face with the drama surrounding poverty. Usually living in truly precarious conditions, mothers who abandon or give up their children are usually young, single, uneducated, poor, and unemployed or underemployed. Their condition may include drug use and other associated problems. Therefore we discuss how learning about one's family history, when forcibly leading to contact with the drama surrounding poverty, can constitute a process of sense-making, in terms of the true self, of integration, if sustained in sufficiently good environments.

Keywords: adoption, family origins, imaginary

INTRODUÇÃO

No presente estudo, nosso objetivo é introduzir uma discussão sobre o imaginário das origens da filiação adotiva no contexto brasileiro atual, a partir de nossa experiência clínica em psicologia, visando a saúde mental de crianças e jovens que foram adotados.

Um fenômeno a ser abordado é o da busca de informações sobre a família biológica, o que é, evidentemente, compreensível, numa sociedade fortemente organizada em termos de classes sociais, na qual se atribui à família o encargo direto do cuidado e proteção das crianças. Deste modo, não nos surpreende que parcelas da sociedade civil se tenham mobilizado, por meio de movimentos sociais, engajando-se numa luta pelo direito do adotado conhecer sua origem, o que veio a ser alcançado na Nova Lei de Adoção (Brasil, 2009). Assim, contamos,

atualmente, com uma evolução na legislação brasileira que facilita o acesso à própria história da adoção¹².

Malgrado o fato de haver hoje uma viabilização do acesso às origens, na prática isso nem sempre se realiza, dada a falta de registros. Para situar o quanto tal situação se revela complicada e dificultosa na prática, basta lembrar que a roda dos expostos – caixa giratória instalada nos hospitais, que acolhia anonimamente bebês para adoção - foram fechadas em São Paulo apenas em 1950. Entre 1950 e 1970, constata-se uma lacuna na história jurídica sobre registros de crianças adotadas, como se houvesse uma manobra visando manter a mãe que entrega o bebê numa condição de invisibilidade, dada a informalidade da adoção vigente até então. Deste modo, prevaleceu tanto um ocultamento de informações, quanto uma cisão na relação das famílias biológicas e adotantes. Esta forma de administrar tais processos gerou lacunas abismais na história de vida de muitas pessoas, tanto dos adotivos, que buscam suas origens, como de mães, que entregaram bebês e se arrependeram, almejando pelo menos se redimir com seus filhos biológicos entregues (Fonseca, 2008).

O IMAGINÁRIO SOBRE AS ORIGENS DA FILIAÇÃO ADOTIVA

Como nos mostra a clínica, sob o ponto de vista do filho adotivo, vivenciar e integrar de modo saudável uma história de separação da mãe biológica, que no imaginário coletivo é usualmente concebida como abandono, pode requerer muito tempo e sustentação. Dentre as várias razões para isso, algumas são muito concretas, tais como as

¹² Debates sobre o problema da origem do indivíduo tendem a, atualmente, desembocar na discussão do *direito* ao seu acesso, o que por sua vez acarreta uma discussão jurídica nem sempre coerente com os problemas da psicologia e da psicanálise. Afinal, tal direito à informação parece-nos óbvio, mas certamente é temerário utilizá-lo como sinônimo de imprescindibilidade na saúde da família adotiva.

dificuldades de encontrar registros ou vestígios confiáveis. Por outro lado, mesmo que este problema seja, desde a Nova Lei da Adoção (Brasil, 2009), superado, já que por meio desta foi introduzida a possibilidade do registro da família biológica nos processos de entrega dos bebês para adoção, há que considerar o imaginário dos pais adotivos. Habitando campos de sentido afetivo-emocionais frequentemente paranoides (Bleger, 1963/1984), parece haver, nesse imaginário, uma atmosfera de horror em torno da possibilidade de virem a ser, por seu turno, vítimas de abandono filial. Tal atmosfera, se não paralisa, torna epopeica a busca das origens realizada pelo filho adotivo.

Outra questão, altamente relevante, diz respeito ao fato da busca pela adoção ser predominantemente motivada por esterilidade, o que acaba marcando profundamente a relação com o filho adotivo. Encontramos casais que elaboram de forma satisfatória sua limitação biológica, mas para outros a esterilidade é sentida como uma ferida narcísica. Nestes casos, podem surgir sentimentos ambivalentes em relação ao filho adotivo, que representa a lembrança inquestionável de uma importante limitação do casal parental. Neste contexto, negar a origem desse filho equivale a negar a própria infertilidade. Entre os profissionais, que lidam com a adoção, é consenso a necessidade de lidar clinicamente com os sentimentos acerca da esterilidade, pois sabemos que sua elaboração pelo casal depende do seu nível de amadurecimento emocional (Levinzon, 2006).

Certa vez, durante um atendimento psicológico a uma família adotiva, a mãe declarou não conhecer ao certo detalhes da história vivida pelo filho anteriormente ao seu encaminhamento para o abrigo. Ato contínuo, mudou de assunto, passando a focalizar um problema escolar, que a criança enfrentava, naquele momento. Ao ser solicitada, pela psicóloga, a retomar o assunto anterior, instalou-se um clima de

angústia e horror. Fantasias, crenças, intuições começavam a circular no encontro, em um cenário de feições verdadeiramente misteriosas.

Outro paciente adotado, já adulto, disse à psicóloga que hoje reconhece ter vivido toda uma vida acreditando que não poderia saber de verdades. Histórias? Nem pensar... Toda vez que se aproximava do seu pai para questionar qualquer assunto sobre bebês ou filhos, o pai logo lhe dizia: "Não vem com essas perguntas".

A relutância dos pais em revelar ao filho adotivo sua história de vida inicial pode estar ancorada em fantasias inconscientes de roubo/perda principalmente quando o processo de adoção ocorre pelas vias informais. Em um estudo de caso, Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2012) questionam se, após a vigência da nova lei da adoção (Brasil, 2009), essa fantasia seguiria vigente nas adoções mantidas nos moldes legais. Esta lei prevê a realização de estudo psicossocial prévio da condição de adotabilidade, atenção psicossocial à família de origem e a preparação para a parentalidade adotiva. Entendemos que são avanços no sentido de mais atenção às necessidades da criança ou adolescente a ser adotado, mas questionamos como ocorreria essa preparação para a parentalidade. Winnicott (1955/1997) destaca a importância da estabilidade e da continuidade do novo lar para o desenvolvimento saudável da criança. Aponta, também, para a necessidade de que a família adotiva seja capaz de oferecer um ambiente seguro e estável no qual a criança possa crescer, tomar contato com a sua história e identificar-se. Sabemos que essas condições são possíveis quando os pais tiveram condições de ter uma experiência favorável ao seu desenvolvimento emocional.

Para além do problema das dificuldades das famílias, como um todo, em absorver sua própria história de infertilidade, de luto, de morte, de medo e de frustração, há uma construção nociva, que estudamos em outra pesquisa, que exporemos brevemente, acerca da

exclusão insidiosa da criança, dentro de seu próprio meio familiar (Pontes, Cabrera, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008). No Brasil, o fenômeno da exclusão social, que impede muitas crianças de crescerem em ambiente familiar, faz imaginar que os bebês efetivamente adotados teriam evitado um destino de exclusão. Entretanto, quando examinamos o problema atentamente, vemos que a situação é mais complexa. Detectamos a ocorrência de um fenômeno, mais velado e sutil, que afeta aqueles que foram aceitos exatamente pela sua condição de bebês, incapazes, portanto, de ter memória consciente da vida anterior à adoção. Buscados geralmente por casais com dificuldades reprodutivas, os bebês adotados servem a propósitos, nem sempre claramente conscientes, de ruptura de todo e qualquer vínculo da criança com a família e grupo social de origem:

Como resultado, a criança adotiva pode ser aceita, em muitos casos, porque nem parece adotiva, o que configura uma situação de discriminação e exclusão verdadeiramente insidiosa, que pode gerar efeitos devastadores em termos dos sofrimentos emocionais envolvidos. Este quadro incide diretamente sobre processos de emergência da personalidade individual conhecida como constituição de self (Winnicott, 1960/1983a), afetando a possibilidade de se alcançar uma posição existencial que permita ao indivíduo não apenas escapar à psicopatologia, mas também se sentir vivo, real e capaz de gestualidade espontânea e transformadora (Winnicott, 1971/1975). Tal questão, que é fundamental no campo da psicopatologia psicanalítica, vem recebendo, mais recentemente, grande atenção por parte de sociólogos, capazes de compreender quão importante é o campo social nos delicados processos de constituição de self (Giddens, 1999). (Pontes et al, 2008, p. 496).

Nesse contexto, o adotado está numa condição de sequestrado de sua família, já que os laços são cortados e a família adotiva simula

ser a família biológica. Esta situação era mais frequente na época em que foi realizado o estudo de Pontes et al (2008), porém, ultimamente mudanças sociais têm sido conquistadas, entre elas, a possibilidade, cada vez mais frequente, de que sejam adotadas crianças que evidentemente não poderiam ser filhas biológicas. Há algum tempo era raro um casal branco ter interesse por crianças não brancas, justamente porque se moviam num campo de sentido afetivo-emocional que podemos denominar de exclusão insidiosa.

Tais considerações convergem com achados de outros estudos, que têm pesquisado a criança adotiva, no campo da psicologia, sob os mais variados aspectos. Um dos achados mais significativos dessas investigações é o preconceito da sociedade frente à criança adotiva (Ferreira, 2006; Weber, 2003), incluindo fantasias, dos próprios pais adotivos, associadas a medos e angústias (Iyama, 2004).

Se até bem pouco tempo as famílias brancas, que estão predominantemente entre as classes mais favorecidas de nosso país, não queriam adotar crianças que apresentassem traços característicos de afrodescendentes, com o fito consciente de não deixar evidente a ausência de laços biológicos, ultimamente tem aportado, aos consultórios de psicologia, demanda de atendimento para crianças negras adotadas por famílias brancas, indicando uma mudança nos costumes dos brasileiros (Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo, Simões & Aiello-Vaisberg, 2016; Pontes et al, 2008).

Neste contexto atual, podemos refletir sobre a verdadeira história da família, da organização do parentesco e da filiação citando uma paciente, uma criança negra, adotada por uma família branca de uma classe social mais favorecida que sempre se referia com termos vagos e nebulosos à sua condição racial e à sua história de vida. Tratava, em contraponto, com muita crueldade tudo o que a fazia lembrar dos pobres, dos pacientes do Sistema Unificado de Saúde -

SUS, das crianças das escolas públicas e dos bebês, filhos de domésticas, que ficavam em creches. Circulava em seu imaginário alguns horrores sobre ser pobre, sobre a possibilidade de ser abandonada, de não poder comer tudo que queria e de não poder viajar para onde quisesse. Sempre revelava fantasias quanto à própria origem pois parecia saber que havia uma diferença meio misteriosa entre ser abandonada e sofrida ou usufruir de uma situação de vida afortunada.

Embora as dúvidas da menina, nem sempre conscientes, se manifestassem nas sessões de psicoterapia, as lacunas e rupturas na experiência com sua família adotiva alimentavam as condições de falta de sentido. Haveria alguns caminhos em sua viagem de busca pelas origens. Sem dúvida, andar pelo caminho associado a uma mãe sozinha, muito pobre, que usava crack e que, por falta de opção, deixou-a, e, provavelmente, aos outros filhos, não era uma tarefa fácil. Entretanto, aproximar-se das mães domésticas, babás, com filhos em escolas públicas ou de pessoas que estavam no semáforo, pedindo dinheiro, talvez fosse uma caminhada alternativa. Lembremos de Freud (1919/1976) e suas concepções sobre o estranho, algo tão distante, mas familiar, que nos acompanha em momentos específicos de nossas vidas. E pode nos dizer sobre as verdades... Nesse sentido, esta pacientezinha não precisaria se ver próxima da mãe que a deixou, mas poderia encontrar e conhecer o "drama" que a levou à adoção.

Não apenas informações concretas da história da criança, mas dificuldades na rede experiencial, no sentido da área transicional (Winnicott, 1967/1975) tão importante na constituição do *self*, provocavam efeitos no desenvolvimento emocional.

Diferentemente de uma criança branca, que embora tenha sua origem associada a uma história de pobreza, a uma mãe que a deixou por falta de opção, mas que poderia passar por filha biológica de um

casal branco que a adotasse, uma criança negra, nas mesmas condições, não teria como ocultar sua condição de adotiva e, portanto, com uma história de abandono, pois o fato se evidencia por algo que é absolutamente evidente: a pele. Essa experiência é abordada por Fanon (2008) e por Aiello-Fernandes (2013), embora no contexto de discutir o racismo, mas que tem a ver com a questão de ser julgado e classificado pela aparência, pelo aparecer, o que não ocorre, na mesma extensão com as crianças que possuem o mesmo tom de pele das famílias adotivas e não se tornam “prisioneiras” do aparecer. Esse problema estudamos em outra pesquisa (Ferreira-Teixeira et al, 2016), quando constatamos que eram expressivas as comunicações das mães adotivas ao reportarem fantasias de serem julgadas pelas pessoas que percebiam as diferenças físicas, de tom de pele, entre membros da mesma família. Concluímos que a adoção não seria valorizada como gesto, mas como prática denunciadora de insuficiências biológicas e/ou morais, na medida em que se assentaria sobre a infertilidade do casal e/ou sobre uma espécie de sequestro do filho alheio. Considerando a criança apresentada no presente estudo, podemos pensar que para o adotado, negar sua verdadeira história é também negar sua história de abandono por uma mãe pobre e sem condições econômicas e emocionais de cuidar dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos lembrando que nos encontramos num terreno perigoso, que é aquele da ruptura da continuidade de ser e do desenvolvimento humano saudável (Winnicott, 1945/2000, 1960/1983a, 1960/1983b). Não nos surpreende saber que nem todas as crianças que desconhecem seus pais biológicos são infelizes. De qualquer forma, no nosso imaginário existe uma experiência de

incômodo quando *certo tipo de desconhecido* entra em cena – um desconhecido que não é aquele compartilhado por todos os humanos.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Fernandes, R. (2013) "*Da entrada de serviço ao elevador social*": *racismo e sofrimento*, 2013, 146 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Bleger, J.(1984) *Psicologia da Conduta*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963).
- Fanon, F. (2008) *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de R. da Silveira. Salvador, Ba: EDUFBA.
- Ferreira, M. C. (2006) *Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise*. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Ferreira-Teixeira, M.C.; Gallo-Belluzzo, S.R.; Simões, C.H.D.; Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2016) Sangue do meu sangue: o imaginário de mães adotivas sobre a adoção. In: Anais do VI Congreso ULAPSI, Diálogos e Intercambios de la Psicología en América Latina, Buenos Aires, Argentina.
- Fonseca, C. (2008) Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista de Estudos Feministas*. V.16, n.3, pp. 769-783.
- Freud, S. (1976). O 'Estranho'. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Tradução de Salomão, J., vol. 17, pp.273-318. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Giddens, A.(1999) *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Iyama, R. (2004). *Os pais adotivos: preconceitos, fantasias, fatores motivacionais inconscientes e suas implicações na formação do sintoma da criança*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Brasil. *Lei n. 12.010 de 03 de agosto de 2009*. (2009) Dispõe sobre a adoção. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm
- Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, v. 14, n.1, pp. 24-31.
- Otuka, L.K.; Scorsolini-Comim, F.; Santos, M.A. (2012). Adoção Suficientemente Boa: Experiência de um Casal com Filhos Biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n.1, p. 55-63.
- Pontes, M. L. S., Cabrera, J. C. Ferreira, M.C.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(3), pp. 495-502.
- Weber, L. N. D. (2003). Uma pesquisa de campo sobre conceitos e preconceitos acerca da adoção. In Weber, L.N.D. *Aspectos psicológicos da adoção*. p. 75-98, 2ª edição. Curitiba: Juruá.
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar: a atividade criativa e a busca de eu (self). In *O brincar e a realidade*, (Abreu, J. O.; Nobre, V., trad.) , Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D.W. (1975). A localização da experiência cultural. In *O brincar e a realidade*, (Abreu, J. O.; Nobre, V., trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1983a). Distorções do Ego em Termos de Verdadeiro e Falso Self. In *O Ambiente e os Processos de Maturação* (Constantino, O., trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1983b) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In *O Ambiente e os Processos de Maturação*. (Constantino, O., trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1997). A adolescência das crianças adotadas. In *Pensando sobre crianças*. (Veronese, M.A.V., trad.). São Paulo: Artmed, pp. 131-140. (Trabalho original publicado em 1955).

Winnicott, D.W (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da Pediatria à Psicanálise*. (Bogomeletz, D.L., trad.). Rio: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)

Pesquisa realizada com apoio da CAPES, através de bolsa de pós-doutorado e do CNPq, através de bolsa produtividade